

## 7 MEDITAÇÕES JUNGUIANAS: inspirações para momentos de transformação

JUNGIAN MEDITATIONS: inspirations for moments of transformation

*Vinícius Alexandre Rocha Piassi<sup>1</sup>*

**Resumo:** inspirados por uma interrogação da primeira expoente da Psicologia Analítica no Brasil, Nise da Silveira, propomos neste ensaio uma reflexão sobre a pertinência do pensamento de Carl Gustav Jung para a atualidade a partir de aspectos de sua autobiografia. Em seus escritos compilados nessa obra, o autor descreve experiências subjetivas e mobiliza conhecimentos orientais que colocam em questão o paradigma racionalista ocidental. Nossa discussão perpassa desse modo o âmbito de sua experiência pessoal e se encaminha para a relevância de sua doutrina para o conhecimento humano.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Orientalismo. Psicologia Analítica.

**Abstract:** inspired by a query of the first exponent of Analytical Psychology in Brazil, Nise da Silveira, we propose in this essay a reflection on the pertinence of the thought of Carl Gustav Jung to the present time from aspects of his autobiography. In his writings compiled in this work, the author describes subjective experiences and mobilizes Eastern knowledge that calls the Western rationalist paradigm into question our discussion thus pervades the scope of his personal experience and is directed toward the relevance of his doctrine to human knowledge.

**Keywords:** Autobiography. Orientalism. Analytical Psychology.

---

<sup>1</sup> **Vinícius Alexandre Rocha Piassi:** mestrando em História Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: [viniciuspiassi@yahoo.com.br](mailto:viniciuspiassi@yahoo.com.br)  
rev. INTERESPE, nº 8, pp.01-117, jun.2017.



**Figura 19:** Carl Gustav Jung na inauguração da exposição do Museu do Inconsciente por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique (1957). Foto: Almir Mavignier.<sup>2</sup>

O psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) deixou um legado tão profícuo para o entendimento da mente humana e a fundação da psicologia moderna quanto o do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), com quem se correspondeu intensamente durante anos, até que suas divergências de pensamento provocassem um rompimento definitivo entre ambos.<sup>3</sup> Especializado no estudo das psicoses, Carl Gustav Jung fundou a escola de psicoterapia designada por Psicologia Analítica, desenvolvida durante a Primeira Guerra Mundial, segundo a qual a psique não tem nenhum substrato psicológico, constituindo-se, por outro lado, por uma natureza simbólica.

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica; não posso me experimentar como um problema científico (JUNG, 1986, p. 5).

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/encontro-com-jung.php>>. Acesso em 14 mai 2017.

<sup>3</sup> Para o historiador das religiões Mircea Eliade, o maior mérito de Jung foi o de ter suplantado a psicanálise freudiana partindo da própria psicologia e de ter assim restaurado a significação espiritual da Imagem (ELIADE, 1979, p. 15).

Fascinado pelo orientalismo,<sup>4</sup> ou melhor, pelos “tesouros da sabedoria do Oriente” (JUNG, 2000, p. 113), o autor desenvolveu uma verdadeira psicologia do sonho e da mitologia, para a qual foram fundamentais suas investigações etnológicas de civilizações consideradas arcaicas e um intercâmbio entre as filosofias ocidentais e orientais. Como se pode perceber no trecho com o qual se inicia o prólogo das ‘Memórias, Sonhos, Reflexões’ de Jung citado acima, seu pensamento confronta-se diretamente com a perspectiva cartesiana predominante na cultura científica ocidental moderna, caracterizada pela crença na onipotência e universalidade da razão.

Para narrar-se nesta obra póstuma iniciada aos seus oitenta e três anos (compilada e editada por Aniela Jaffé, publicada pela primeira vez em 1963), Jung (1986, p. 5) prefere se utilizar do mito em vez da ciência, considerando este como mais individual e capaz de exprimir melhor a vida do que o discurso científico, “que trabalha com noções médias, genéricas demais para poder dar uma idéia [sic] justa da riqueza múltipla e subjetiva de uma vida individual”.

Questionando as possibilidades de escrita objetiva de uma autobiografia e os limites próprios ao julgamento de uma trajetória individual, Carl Jung se propõe a ‘mitologizar’ (*mythologein*) para narrar os acontecimentos de maior significação simbólica de sua vida interior nesta obra. A efemeridade da existência o impressiona de tal modo que a vida se lhe assemelha a um prodígio, do qual, para ele, importa destacar as experiências de ordem interior, preferivelmente às ocorrências externas.

Muitos conheceram a história do nosso tempo e sobre ela escreveram: será melhor buscá-la em seus escritos, ou então ouvir o seu relato. A lembrança dos fatos exteriores de minha vida, em sua maior parte, esfumou-se em meu espírito ou então desapareceu. Mas os encontros com a outra realidade, o embate com o inconsciente, se impregnaram de maneira indelével em minha memória (JUNG, 1986, p. 8).

Em um exemplo de abordagem de um acontecimento subjetivo pelo autor, após uma experiência de quase morte decorrente de um enfarte cardíaco ocorrido no início de 1944, quando Carl Jung teve visões e delírios nunca antes experimentados em função de seu estado de inconsciência, ele se propõe a fazer digressões sobre a vida *post-mortem*. Segundo afirma, seu posicionamento é indiferente em relação a desejar ou não a possibilidade da vida após a morte; embora constate que seja acometido por ideias dessa ordem. Para Jung, (1986, p. 28):

---

<sup>4</sup> Na perspectiva de Edward Said, segundo uma definição genérica do autor, “O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’”. Historicamente, com sua criação identificada no final do século XVIII, o orientalismo pode ser compreendido como “a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 1990, p. 14-15).

A razão crítica parece ter há pouco, eliminado, juntamente com numerosas outras representações míticas, também a idéia [sic] de uma vida após a morte. Essa eliminação foi possível porque os homens, hoje, se identificam frequentemente [sic] apenas com a consciência e imaginam ser apenas aquilo que conhecem de si próprios.

Jung (1986) assume a impossibilidade de alcançar um conhecimento objetivo a respeito da sobrevivência da alma após a morte física nos moldes de um problema científico e intelectual, mas busca se acercar do tema por meio das alusões metafóricas do inconsciente e da tradição mítica, procurando formar dele uma concepção ou uma imagem. Considerando que em torno da ideia de reencarnação gravitam imagens e representações sobre o além, o autor remete à cultura espiritual da Índia, em que a reencarnação é aceita espontaneamente, para compará-la à cultura ocidental cristã.

A comparação de Carl Gustav Jung ressalta a oposição entre duas concepções sobre a vida: enquanto para o homem oriental a vida se afigura a uma roda que gira eternamente e sem objetivo, em alusão aos ciclos de sucessão de nascimento e morte (O autor afirma que foi Buda quem introduziu o objetivo de superação da existência terrestre na cultura espiritual do Oriente); o homem ocidental tem uma necessidade mítica de um início e um objetivo para orientar sua vida, à imagem de um mundo em evolução. A distinção entre ambos é sintetizada da seguinte forma por Jung (1986, p. 64): “Enquanto o ocidental quer completar o sentido do mundo, o oriental esforça-se por realizar esse sentido no homem, despojando-se ele mesmo do mundo e da existência (Buda)”.

Desse modo, Jung (1986) distingue entre uma atitude predominantemente extrovertida e outra introvertida: segundo afirma, o ocidental projeta o sentido nos objetos e o oriental, por sua vez, o internaliza. No entanto, para o autor, o sentido se encontra em ambas as dimensões, visto não ser possível distinguir entre a reencarnação e o carma. A questão que ele propõe para refletir se refere ao caráter do carma, se este é pessoal ou impessoal, o que implica na ideia de um destino individual orientado pelas ações de vidas passadas, por um lado, e na de herança coletiva, por outro.

Ao afirmar a sobrevivência dos símbolos e temas míticos na psique do homem moderno, abordando temas subjetivos, místicos, e que extrapolam o plano racional, como os arquétipos, o inconsciente coletivo, as mitologias, os simbolismos, os sonhos e a alquimia, o pensamento junguiano defronta-se diretamente com o racionalismo científico-filosófico ocidental, motivo pelo qual sua obra foi inclusive rejeitada por alguns círculos intelectuais. Entretanto, o pensamento junguiano teve uma recepção favorável em vários países, como no Brasil, onde, na década de 1950, a psiquiatra Nise da Silveira estabeleceu com ele uma relação profissional que se estenderia até a morte de Jung.

Tendo sido a primeira a investir na terapia ocupacional no Brasil, em sua prática profissional Nise Silveira recusava-se a aplicar métodos tradicionais da psiquiatria como o eletrochoque e a lobotomia em pacientes esquizofrênicos. Para humanizar o tratamento de seus ‘clientes’, como chamava seus pacientes, ela criou ateliês de desenho, pintura e modelagem, apostando na expressão

plástica como parte de sua terapia. Seu trabalho obteve alcance internacional quando foi reconhecido por Jung, em cuja teoria encontrou sustentação teórica para analisar as obras realizadas por seus pacientes e apoio em sua militância política antipsiquiátrica.

Considerada precursora do pensamento junguiano no Brasil, Nise escreveu uma biografia sobre Jung na qual ela propõe a seguinte pergunta: “Dando tão grande importância aos sonhos, aos mitos, à alquimia, será ele um sobrevivente de épocas já ultrapassadas? Ou será, pelo contrário, um moderno ou mesmo um homem do futuro?” (SILVEIRA, 1981, s.n.).

Tomando como base as digressões do filósofo italiano Giorgio Agambem sobre “o que significa ser contemporâneo”, arriscamos uma resposta à indagação de Nise. Em referência a Friedrich Nietzsche<sup>5</sup>, Agambem (2009) destaca a proximidade de sentido entre a atualidade do autor quando da publicação de suas ‘Considerações intempestivas: Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida’ (NIETZSCHE, 1874), à impertinência, ou irreverência, de suas ideias para a cultura histórica europeia e alemã da época. Para Agambem (2009, p.58-59):

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.

Desse modo, entendemos que Carl Jung não tenha sido um homem de outro tempo que não o seu, que lhe pertencia irrevogavelmente, nos termos de Giorgio Agambem (2009), sendo, por isso mesmo, capaz de se distanciar do pensamento cientificista e materialista hegemônico de sua época, ao perseguir outras formas de conhecimento, com outras escalas de valores. Apropriando-se das palavras do filósofo, podemos dizer que Jung percebeu no escuro de seu presente a luz que, dirigida a ele, se distanciava infinitamente (AGAMBEM, 2009, p. 65).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

---

<sup>5</sup> Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), autor de ‘Humano, Demasiado Humano’ (1878), ‘Assim falou Zaratustra’ (1891) e ‘O Anticristo’ (1895), entre outros, foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor alemão.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Editora Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich [1874]. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: vida e obra. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 (Coleção Vida e Obra).